

WOLFF, F. **Socrate**. Paris, PUF, 1985 (Philosophies). 128 p.

O **Socrate** de Francis Wolff retoma e completa um trabalho anterior, publicado em português pela Brasiliense. Acrescenta considerações muitíssimo interessantes sobre a doutrina a partir do paradoxo socrático, mergulha na profundidade do problema e procura encontrar o verdadeiro Sócrates no emaranhado de tudo o que se escreveu sobre ele.

O livro (que apresenta ainda uma cronologia socrática e orientações e referências bibliográficas além de um "álbum de família", que contém indicações sobre as figuras e as escolas filosóficas relacionadas com Sócrates) está assim constituído:

1. **L'énigme, L'Athénien, La mission, L'universel, La mort;**
2. EN MARGE DE SOCRATE: LE "SOCRATISME" – Le "**paradoxe socratique**";
3. À LA RECHERCHE DU VRAI SOCRATE – Le "**problème de Socrate**".

1. O **enigma** (**L'énigme**) focaliza o filósofo, a lenda, o mito, a discussão socrática, a personagem nos diálogos de Platão e nas obras apologéticas de Xenofonte, o mistério de epígonos tão dessemelhantes como, por exemplo, Diógenes de Sinope e Aristipo de Cirene, o Sócrates em si mesmo tão paradoxal, toda contradição, tão feio quanto inteligente e sábio, não parecendo mas sendo belo: de fato, encarnando a oposição entre ser e parecer. Santo? Herói? Simplesmente sábio? Mestre? Racionalista? "Amfístico"? Revolucionário e ao mesmo tempo conservador e até mesmo reacionário? O Autor analisa cada uma das hipóteses e, ao fazê-lo, dá-nos um retrato do homem.

N'O **Ateniense** (**L'Athénien**), a definição de Sócrates ("cidadão ateniense, nascido em Atenas por volta de 470 a.C., morto em Atenas em 399 a.C.") e as razões pelas quais esse ateniense até a raiz dos cabelos, que Francis Wolff chama o mais ateniense dos atenienses, não arreda pé da sua cidade a não ser para cumprir as suas obrigações militares. O Autor focaliza a Atenas do V século, centro de cultura aonde chegam e por onde passam todos os grandes pensadores ocidentais, cidade cuja sabedoria no entanto se volta essencialmente para a política: e explica o que significa pensar **como ateniense** e o modo pelo qual o faz Sócrates. Mostra o quadro contemplado pelo filósofo num fim de século sacudido pela peste, pela guerra, pelo individualismo e pela ambição e mostra a solução socrática: procura de "um fundamento mais estável que costumes relativos e normas efêmeras". Aqui a resposta a uma das indagações anteriores: filósofo urbano, Sócrates é ao mesmo tempo revolucionário e reacionário e "transporta a antiga especulação ao terreno ateniense da moralidade"; aqui, ainda, as razões pelas quais, "profundamente grego e profundamente cidadão ateniense", não pode escrever.

A **missão** (**La mission**) mostra-nos inicialmente o filósofo "no umbigo do mundo", a pensar que nada sabe, a investigar por que o considerara sábio a Píria, para descobrir "que ninguém, de fato, sabe nada daquilo que pensa que sabe". O Autor analisa os interlocutores de Sócrates. Incompetentes? – Não. Profissionais, sabem agir: mas não sabem **por que** o fazem. Assim, não sabe o político o que é a justiça, o sacerdote, o que é a piedade, o general, o que é a coragem, o poeta, o que é a beleza:

e não têm consciência de sua ignorância. Em suma, todos sabem e praticam a sua profissão mas ignoram o essencial. Francis Wolff o define e acompanha Sócrates no caminho que o leva do oráculo de Delfos à consciência de que todos os homens que se creem sábios não sabem responder à questão primordial. Enfim, mostra como o filósofo inicia a sua missão a partir do **conhece-te a ti mesmo**, pois o fato é que todo homem sabe o que ele tem mas não sabe o que ele é e desconhece os verdadeiros valores. Acompanha os passos da missão socrática – do ensinamento ao método e à atitude – e os analisa. Como evitar o moralismo dos moralistas e conservar aos valores e a sua dignidade? Como conduzir sem impor? Como fazer e refletir para levar ao conhecimento da verdade sem cair no dogmatismo? Por que interrogar em vez de expor? Como justifica Sócrates a sua técnica de investigação, a que Platão chamou **maieutica**? Por que não se pode considerar Sócrates um psicanalista? Por que é difícil caracterizar o seu estilo? Finalmente, como definir a ironia socrática?

N'O **universal** (L'universel), o Autor lembra a afirmação aristotélica de que Sócrates foi o primeiro a procurar definições. Exemplifica por meio do **Laques** e mostra as "três conversões" que se operam e transformam já o seu prelúdio numa interrogação filosófica: 1) o efeito da ironia socrática; 2) a transformação do problema, de técnico em moral; 3) a suspensão provisória de toda relação pragmática às coisas, aos atos, à linguagem. Diz por que e para que o método, salienta-lhe as dificuldades e os mal-entendidos e faz a defesa daquele em quem Aristóteles vê "o inventor dos raciocínios indutivos". Mostra o caminho seguido pelo filósofo na obtenção dos conceitos, a necessidade de obtê-los e a sua superioridade sobre a multiplicidade dos casos particulares: o conceito é isento de contradições. Ora, se a coragem é invariável, o que é a coragem? O que são também a justiça, a temperança, a piedade? O que são as virtudes? Qual é o Bem supremo? Enfim, o que é a virtude? E Francis Wolff termina este capítulo com novo retrato de Sócrates.

A **morte** (La mort) formula perguntas e encontra respostas. Por que morreu Sócrates? Ou por que se quis que Sócrates morresse? O Autor apresenta inicialmente os fatos; a seguir, os interpreta e explica. Por que o processo? Inimizades pessoais? Intolerância ateniense? Processo religioso? Ou político? Terá sido o filósofo um bode expiatório, ou terá sido o processo uma reação antiintelectualista da recém-restaurada democracia? Se há motivos que o justifiquem, de que modo justificar a condenação à pena capital e a morte? Por que se recusou o filósofo a preparar a sua defesa ou a entregá-la a um profissional? Francis Wolff analisa (com ironia socrática?) a atitude irônica do reincidente em face de uma acusação que é gravíssima, de acusadores que são poderosos e de um júri que é soberbo. Por que quis Sócrates morrer? O que significa a sua morte?

2. O "**paradoxo socrático**" (Le "**paradoxe socratique**") analisa a questão da virtude. "Sustentar que a **virtude é saber** é afirmar que aquele que sabe o que é o "bem" não pode deixar de fazê-lo. Mas isto supõe que ele necessariamente o **queira** e infalivelmente o **possa**." O Autor analisa o duplo paradoxo e pergunta quem sustentará, contra a evidência, que queremos ser virtuosos quando queremos ser felizes. E res-

ponde: "Sócrates". Para compreendê-lo, começa por definir, segundo Platão, o termo grego **aretée**, que se traduz tradicionalmente por "virtude". Ora, qual é a virtude do homem do século V ateniense? Em primeiro lugar, o que é ser um homem na Atenas do V século? De onde lhe vem a virtude? O que é ela para um aristocrata? Para um democrata? Pode-se ensiná-la? Qual a solução socrática para resolver a diversidade das opiniões? O filósofo, embora "moralize" o termo, não lhe modifica a significação nem o "despolitiza", e a idéia central de **aretée** permanece inalterada: "assim como a espada para cortar deve ser bem afiada, assim o homem para ser homem deve ser virtuoso". Ora, como entender que o homem, para ser virtuoso, deve saber? O Autor analisa os três objetos do saber que faz a virtude: **saber** o que é a virtude já é alcançá-la; **saber** o que é a felicidade é agir bem; **saber** o bem é poder fazê-lo. E mostra como Sócrates, nem moralista nem reformador dos costumes, reconcilia o bem e o belo e conclui que bem + belo = razão e que tudo é uma questão de cálculo racional. De fato, a razão é o caminho único da conduta humana; o saber, a sua única força. No ponto mais alto do saber, está para o homem o domínio de si mesmo, fundamento da virtude e traço de união entre as virtudes; virtude em ato, força interior que triunfa de todas as coações externas e o conduz infalivelmente ao seu bem. – No cerne da questão, o **conhece-te a ti mesmo** –. O Autor finaliza explicando como e por que Sócrates se abstém da política; e como e por que a moral política de Sócrates é ao mesmo tempo aristocrata, democrata e autocrata. Para concluir, salienta a estreita ligação da tese **virtude = saber** com a tripla preocupação política da qual surge e à qual responde.

3. O problema de Sócrates (*Le problème de Socrate*) apresenta os elementos de que se dispõe na procura do "verdadeiro Sócrates", o homem que não escreveu mas tem sido, sucessivamente, "palavra de ordem ou sonho ou tema de meditação ou de combate", para acabar sepultado sob "toneladas de teses". O Autor revela a situação dos estudos ao longo dos séculos: Sócrates antes de Hegel, Sócrates no século XIX, Sócrates hoje: quem foi, o que foi, o que pensou. Mostra o que se sabe e o que se procura: um Sócrates provável. Como encontrá-lo através das dissensões dos discípulos e epígonos? Analisa as testemunhas e os seus testemunhos: Platão, os seus diálogos, o Mestre e a personagem; Xenofonte e os seus principais documentos socráticos; Aristóteles, as suas alusões à tese da virtude-saber e a sua crítica; Aristófanes e a "sátira feroz" d' **As nuvens**. Assinala o que nos dizem do homem, o que nos dizem do seu pensamento e da impressão que podia causar sobre os não-intelectuais da época.

Em suma, em pouco mais de cento e vinte páginas, o Professor Francis Wolff, mestre em concisão e clareza, num estilo vivo e espirituoso que não perde de vista a seriedade do tema, espírito por vezes irônico, talvez à própria maneira socrática, desvenda Sócrates, que ele encontra nos banquetes, nos ginásios, na ágora, a perscrutar os mistérios que envolvem o homem. Parte do que chama **enigma** e a ele volta à procura do verdadeiro Sócrates. Entretanto, salientando as ironias e os paradoxos socráticos, percorre um caminho que o leva ao que deve ser o mais profundo pensamento do filósofo.

Maria da Gloria Novak
(FFLCH - USP)